

O REQUERIMENTO DE EFEITOS V2 NO LICENCIAMENTO DE ESTRUTURAS DE TÓPICO NO PORTUGUÊS CLÁSSICO

Alba Verôna Brito GIBRAIL¹

RESUMO: Uma das propriedades intrínsecas do português clássico é o uso regular de estrutura de tópico dentro do sintagma intonacional da frase; apresentando efeitos-V2 mesmo em contextos nos quais o sintagma topicalizado é deslocado por movimento longo. Sintagmas preposicionais / adverbiais também integram a estrutura prosódica da oração, em concordância com o requerimento de efeitos-V2. Por outro lado, o português clássico projeta estruturas de tópico e adjuntos fora do contorno intonacional da frase, em sentenças de ordem V1/V3. Sintagmas com a função de tópico em contraste ocupam a posição de tópico externa por movimento ou eles são gerados nesta posição como um adjunto.

Palavras-chave: Português clássico; Topicalização; Deslocada à Esquerda Clítica; Efeitos-V2

ABSTRACT: One the most intrinsic propriety of Classical Portuguese is the regular use of topic structure inside clause intonational phrase, presenting V2 effects even in contexts in which the topicalized phrase is dislocated by long movement. Prepositional /adverbial phrases also integrate the clause prosodic structure in accordance with the V2 effect demand. On the other hand, Classical Portuguese also licenses topic structures and adjunctive structures outside clause prosodic contour in V1/V3 sentence orders. Contrastive topic phrases occupy the external topic position by movement or they are generated in this position as an adjunctive-phrase.

Keywords: Classical Portuguese; Topicalization structure; Clitic Left Dislocation; V2 effects.

Introdução

O levantamento de dados de estruturas de Topicalização de textos de autores portugueses nascidos nos séculos 16-17, formadores do acervo Corpus Tycho Brahe², registram a tendência do português clássico de licenciar esse tipo de construção em sentenças de ordem V2, com o sintagma pré-verbal deslocado por movimento curto para a posição de tópico interna à estrutura prosódica da oração. Em análise centrada na proposta de Galves & Galves (1995); Galves (2004); Galves & Paixão de Sousa (2005); Galves Britto e Paixão de Sousa (2005) para justificar a variação de uso do clítico em próclise e/ou em ênclise nas sentenças do português dos séculos 16-17, o fator que permite definir a realização do sintagma topicalizado dentro da estrutura

¹ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Lingüística, no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) / Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). E-mail: avbgibrail@uol.com.br

² O Corpus Histórico do Português Tycho Brahe é um corpus eletrônico anotado, composto de textos portugueses escritos entre os séculos 16 e 19. Seu desenvolvimento é parte do Projeto Padrões Rítmicos, Fixação de Parâmetros e Mudança Lingüística, financiado pela FAPESP e dirigido pela prof^a D^{ra} Charlotte Marie C. Galves. O acesso a este Corpus pode ser feito através do endereço www.tycho.iel.unicamp.br.

intoacional da frase é a disposição do clítico em próclise nas sentenças que o contêm; nas ocorrências com clítico disposto em ênclise, o sintagma pré-verbal, na categoria de um adjunto, é projetado em posição anterior à fronteira prosódica da oração.

Quando se trata de estruturas de Topicalização de objeto em sentenças raízes com clítico e verbo flexionado, os dados apresentam o uso generalizado da próclise:

- (1) a. *As vyas vos emvio per este moço d'estribeira*; (CTB-V_002_1608-1697)
 b. *Semelhante instrução lhe dá* o Tridentino, referindo-se a este Cartaginense. (CTB-H_001_1517-1584)

A generalização de uso da próclise no licenciamento de estruturas de Topicalização de objeto em sentenças com clítico e, por conseguinte, a restrição de uso dessas construções com clítico disposto em ênclise são os fatores que permitem definir a posição de tópico interna à estrutura da frase ocupada pelo sintagma que carrega esta função nas ocorrências formadas em sentenças de ordem V2 sem clítico:

- (2) a. *Êste tesouro* mandou pera aquele rio de Sanguicer por dous capados de grande sua obrigação, (CTB-C_007_1542-1606)
 b. *A santa obediência* busquei no princípio de minha vida pera me livrar por seu meio dos perigos do mundo; (CTB-S_001_1556-1632)

Ainda que o uso de estruturas de tópico formadas por movimento longo não seja expressivo no português clássico, as ocorrências levantadas do corpus reafirmam a propriedade dessa gramática de dispor de sintagmas com a função de tópico dentro da estrutura prosódica da oração. Os dados investigados apresentam estruturas de Topicalização de constituinte de oração subordinada em posição de tópico da oração matriz, satisfazendo, na formação dessas construções, o requerimento de efeitos-V2. Há o licenciamento de objeto de oração subordinada em posição de tópico da oração matriz, com o deslocamento de todo o material do VP encaixado:

- (3) a. *E o coreo que esta vos dara* mäderya Alvaro Mendez que despachase de laa em grande diligemçia, (CTB-D_001_1502-1557)
 b. *A petição* creio oferecerá o senhor Bispo de Ene em dia de São José, (CTB-B_003_1644-1710)

E/ou na forma de sintagmas descontínuos, com o deslocamento de sujeito de mini-oração de sentença encaixada:

- (4) a. *Os pyllotos vos encomendo muito que trabalheis por mãdar cõtentes o mais que poderdes*, (CTB-D_001_1502-1557)
b. *Estas duas coisas tão ignoradas, quero que leveis hoje sabidas*: (CTB-V_002_1608-1697).

Outras ocorrências formadas por movimento longo apresentam o sujeito de oração subordinada deslocado para a posição de tópico da oração matriz:

- (5) a. *e a lletra de credito do dinheiro pera a corte de Roma vos encomendo que venha lloguo cõ dilligençia*, (CTB-D_001_1502-1557)
b. *O verniz cuidão alguns que é inventado n'este tempo*, (CTB-H_001_1517-1584)

A evidência empírica que define a posição de tópico interna à oração matriz de realização desses constituintes deslocados por movimento longo está no uso generalizado da próclise nas sentenças matrizes que dispõem de clítico, assinalado nas ocorrências em (4a) e (5a). Por outro lado, os dados mostram haver restrição generalizada de uso dessa construção em sentenças com clítico disposto em ênclise; refletindo, neste contexto, o comportamento observado no licenciamento de estruturas de Topicalização de objeto por movimento curto. A semelhança de comportamento, no que concerne à restrição de licenciamento de ambas as formas de manifestação de estruturas de tópico em sentenças com clítico disposto em ênclise, confirma a propriedade do português clássico de licenciar objetos com a função de tópico dentro da estrutura prosódica da oração, com esse elemento deslocado por movimento curto e/ou longo.

Em todas formas de manifestação de estruturas de tópico dos exemplos colocados acima o requerimento de efeitos V2 é satisfeito: o sintagma topicalizado precede o verbo e o sujeito, quando expresso, é posposto ao verbo, configurando a inversão germânica.

Entretanto, ainda que o português clássico revele a tendência de formar estruturas de tópico de sintagmas diferentes de objeto em configuração V2, com o clítico disposto em próclise, os dados mostram haver variação de uso do clítico em ênclise em contextos que dispõem de sujeito e/ou de sintagmas preposicionais/adverbiais em posição pré-verbal. A variação de uso de sujeito topicalizado em sentenças com clítico disposto em ênclise é atestada em ambiente de paralelismo sentencial, com esse constituinte carregando a função de tópico em contraste. Em conformidade com a formulação de Galves; Britto e Paixão de Sousa (2005, p.12), nessas construções, o sujeito carregando a função de tópico em contraste, ocupa uma posição externa à estrutura da frase, definindo a ordem subjacente V1 dessas orações:

- (6) a. *Elles* conheciam-*se*, como homens, *Christo* conhecia-*os*, como Deus. (CTB-V_004-1608-1697)
 b. Não diz o Apostolo, que passa o mundo, senão as figuras; porque *as figuras* vão-*se*, e o teatro fica. (CTB-V_004-1608-1697)

Nas ocorrências que dispõem de sujeito pré-verbal sem a função de tópico em contraste em sentenças com clítico, o uso da próclise é generalizado:

- (7) a. *Eu me* contente (respondeu Dom Júlio) com saber que êle tem os livros, e assi vos escuso do trabalho; (CTB-L_001_1579-1621)
 b. *Os meus trabalhos se* renovam como encantamento (CTB-M_003_1608-1666)

Em se tratando de sintagmas preposicionais e/ou sintagmas adverbiais em posição pré-verbal, a variação de uso de clítico em ênclise é constatada em ambiente de paralelismo sentencial:

- (8) a. *No ar* contente-*se* a andorinha com ser andorinha: e que maior benção que poder morar nos palacios dos reis? *No mar* contente-*se* a remora com ser remora: e que maior fortuna que sendo tamanina, poder ter mão em uma náu da India? (CTB-V_004_1608-1697)
 b. *Entre as feras* tomava-*se* com os leões, e *entre os homens* com os gigantes. (CTB-V_004_1608-1697)

Contudo, a disposição do clítico em ênclise nessas estruturas variantes não está condicionada à sua formação exclusivamente neste ambiente sintático:

- (9) a. e *depois disto* trouxeram-*no* para o sitial; (CTB-G_001-1597-1665)
 b. e *ao sábado* que havia de ir, mandou-*lhe* a Lisboa, (CTB-S_001_1556-1632)

Conquanto o português clássico satisfaça o requerimento de efeitos-V2 em sentenças que dispõem de um sintagma deslocado para a posição pré-verbal, a pesquisa revela que essa gramática licencia construções de tópico em configuração V3, com dois constituintes da oração precedendo o verbo. Nas ocorrências que apresentam o sujeito e o objeto precedendo o verbo, a tendência dessa gramática é fazer uso da forma que apresenta o sujeito em posição mais alta à esquerda da oração, sendo seguido imediatamente pelo objeto:

- (10) a. *se eles alguma cousa* fezerã como nam deviam, e pasaram meu mandado, que sabendo eu quem errou, nam pasara sem castigo; (CTB-D_001_1502-1557)

b. mas todavia *eu a el-rei* sirvo de Portugal, (CTB-H_001_1517-1584)

Ocorre restrição de uso de estruturas de tópico nesta configuração quando elas se manifestam na forma em que o objeto precede o sujeito. Além da restrição da frequência de uso de estruturas de tópico nesta ordem, atesta-se também haver restrição com respeito à categoria do objeto topicalizado. Nas restritas ocorrências dessas estruturas de tópico registradas no corpus, o objeto deslocado é um sintagma quantificado:

- (11) a. *nenhuma cousa o avaro* faz boa senão quando morre (CTB-L_001_1579-1621)
b. *Tôda a outra dor eu* lhe perdô e o mais que disserem de mim; (CTB-C_003_1631-1682)

Uma frequência mais regular e acentuada de estruturas de tópico na ordem V3 é verificada no contexto em que um sintagma adverbial e/ou preposicional precede o sujeito:

- (12) a. e *com as tormentas do vício a alma* teve naufrágio; (CTB-C_003_-1631-1682)
b. e *nas cousas semelhantes Santa Rosa* não falava a seus pais espirituais senão debaixo de sigilo; (CTB-C_003_-1631-1682)

Considerando a propriedade intrínseca do português clássico de licenciar estruturas de tópico na ordem V2, com o sintagma pré-verbal inserido na estrutura prosódica da oração, a questão a ser examinada neste artigo é a coexistência nessa gramática de estruturas variantes com o clítico disposto em ênclise, tendo em conta a proposta de Galves; Britto e Paixão de Sousa (2005), referida acima, da realização do clítico em ênclise nessas construções como fator que assegura a ordem V1 a elas subjacente, com o sintagma pré-verbal ocupando uma posição anterior à fronteira prosódica da frase. Outra questão a ser examinada é a restrição de uso de estruturas de tópico em sentenças de ordem V3 com o objeto precedendo o sujeito.

O objetivo que norteia este trabalho é apresentar as evidências empíricas que confirmam a satisfação do requerimento de efeitos V2 na formação de estruturas de tópico do português clássico, com o preenchimento da primeira posição dentro do contorno intonacional da frase por um sintagma que carrega a função de tópico e/ou por um sintagma destituído desta função; neste caso, por um sujeito pronominal e/ou um sintagma adverbial/preposicional projetado nesta posição. A variação fica por conta do licenciamento de sintagmas pré-verbais na categoria de tópico em contraste e/ou de sintagmas preposicionais /adverbiais em sentenças de ordem V1, nas

quais o sintagma intoacional da frase está associado ao segmento mais baixo de CP, conforme propõe Galves; Britto e Paixão de Sousa (op. cit. , p. 22) para a variação de uso de estruturas de adjunção em sentenças com clítico disposto em ênclise no português desse período. Com este propósito, organizo o artigo em duas seções. Na primeira seção, apresento um estudo comparativo de outras formas de manifestação de estruturas de tópico que refletem as condições sintáticas que permitem e/ou restringem o movimento e, por conseguinte, definem a categoria do elemento em posição pré-verbal. Na segunda seção, apresento, de maneira sucinta, uma proposta de análise assentada em reflexões de cunho pré-minimalista, que pode explicitar a extração do sujeito e/outros constituintes de ambientes encaixados e, conseqüentemente, justificar a formação de estruturas de tópico fora do contorno intoacional da frase.

1. Fatores sintáticos no desencadeamento da variação

Os fatos abordados na introdução deste artigo definem a variação em função da propriedade do português clássico de legitimar o sujeito e/ou sintagmas preposicionais/adverbiais em posição interna e/ou externa à estrutura prosódica da oração. Seguindo a proposta de Galves (2004); Galves e Paixão de Sousa (2005); Galves, Britto e Paixão de Sousa (2005), a ordem de disposição estrutural do clítico é o fator que permite essa distinção. Outros fatores, entretanto, emergidos no nível estrutural dessas sentenças, não só definem a posição interna e/ou externa à estrutura intoacional da frase de realização do sintagma pré-verbal, mas permitem também definir as condições sintáticas de formação dessas construções. Um dos fatores que permitem definir as condições sintáticas de formação de estruturas de tópico é a sua realização em ambientes que apresentam ou não efeitos de restrição de movimento. A distinção da posição interna e/ou externa de realização do sintagma pré-verbal em sentenças de ordem superficial V2 é assegurada em função das restrições apontadas nos contextos de sua formação, vistas acima. Em sentenças de ordem V3 sem clítico, são as condições de movimento que permitem essa distinção. A realização de objeto em posição de tópico anterior à estrutura intoacional da frase é ratificada no contexto de orações interrogativas, com esse elemento precedendo o sintagma-wh, carregando a função de tópico em contraste:

- (13) a. *Um pobre fradinho sem experiência, criado desde minino no deserto da Religião, como se havia de buscar pera governo de tanto peso?* (CTB-S_001_ 1556-1632)

b. E se é de minha vaidade e engano, *¿a soberba* quem poderá dobrar, se o mesmo Deus não for? (CTB-C_003_1631-1682)

Outras ocorrências apresentam, no contexto de oração interrogativa, o sujeito com a função de tópico em contraste precedendo o sintagma-wh:

- (14) a. *E essa* (tornou Leonardo) *¿que* fruto tirou do parentesco se não foi chamarem-lhe alguns autores bôrra da língua latina?(CTB-L_001_1579-1621)
 b. Porém *o juiso dos homens*, em que não vale emenda, quem poderá negar que é mais terrível? (CTB-V_004_1608-1697)

Dois fatores relevantes permitem definir a categoria de elemento gerado por movimento do objeto nessa construção. O primeiro fator é a função de tópico em contraste que ele carrega; o segundo fator é a sua extração em ambiente sintático sem efeitos de restrição de movimento. As ocorrências de objetos topicalizados em contexto com restrição de movimento, encontradas no corpus, correspondem de maneira generalizada à sua realização na forma de estruturas de Deslocada à Esquerda Clítica:

- (15) a. *O tributo do bagaço da azeitona*, quem ha que *o* não julgasse portyrannico,? (CTB-C_006_1601-1667)
 b. já se sabe no mundo que eu sou peor que todos, e por isto talvez no mal teimarei; que *a soberba*, se Deus *a* não tirar, quem *a* há de vencer? (CTB-C_003_1631-1682)

Proponho, como hipótese de trabalho, que nas ocorrências em (13), formadas no contexto de orações interrogativas, o objeto se desloca por movimento para a posição de tópico externa à estrutura prosódica da oração; sendo o sintagma-wh o primeiro elemento a ocupar a estrutura intoacional da frase; definindo, nesta posição, a projeção da ordem canônica V2. Nas ocorrências de Deslocada à Esquerda Clítica em (15), formadas em contexto de ilha-wh, o objeto retomado é gerado na base. Em ambas as construções, nas estruturas ocorrências de Topicalização e/ou nas ocorrências de Deslocada à Esquerda Clítica, a ordem subjacente V2 é projetada. Nas ocorrências em (14), o sujeito, em condições semelhantes ao objeto, se desloca por movimento para a posição de tópico externa à estrutura prosódica da oração. O licenciamento dessas construções confirma mais uma propriedade V2 do português clássico no que diz respeito à ordem superficial DP-WH-V (pronome) que elas projetam, uma das ordens comumente licenciada no francês antigo, conforme os dados levantados por Schulze (1888, apud, Roberts, 1993) registram. Roberts (op.

cit., p.106), assume esta construção do francês antigo como realização de Deslocada à Esquerda em função de o sujeito preceder o sintagma-wh.

Um outro fato observado é a restrição de licenciamento de estrutura de Topicalização de objetos, na condição de um sintagma completo e/ou na forma de sintagma descontínuo, em ambiente de paralelismo sentencial. Objetos topicalizados em ambiente de paralelismo sentencial são encontrados no corpus exclusivamente na forma de Deslocada à Esquerda Clítica, com o clítico resumptivo disposto em ênclise:

- (16) a. *ao austinado* move-o á compunção; o mundano á penitencia; o contemplativo á contemplação e medo e vergonha. (CTB-H_001_1517-1584)
b. *As esperanças da Terra de Promissão* deixou-as Abraão a Isaac, Isaac a Jacob e Jacob aos doze Patriarcas; (CTB-V_003-1608-1697)

Outra característica peculiar do português clássico, emergida na pesquisa, é o licenciamento de Deslocada à Esquerda Clítica com o clítico resumptivo disposto em próclise em ambientes não categóricos:

- (17) a. *A fragata "Fortuna"* a teve ainda melhor do que escreve Lanier, (CTB-V_002_1608-1697)
b. outra se chama visão obscura, e *esta a* tem os que no mundo chegam a fazer actos de fé (CTB-C_002_1658-1753)

Considerando a proposta de Paixão de Sousa (2004, p. 84) de que nas estruturas de tópico com retomada clítica do português desse período o objeto retomado é sempre um adjunto, a variação de uso da próclise e/ou da ênclise no licenciamento de Deslocada à Esquerda Clítica pode ser explicitada em função de variações prosódicas, conforme propõe Galves (comunicação pessoal). Nessas estruturas variantes, o objeto retomado, na categoria de um adjunto, é realizado dentro e/ou fora da estrutura intoacional da frase. A posição externa à estrutura prosódica da oração ocupada pelo objeto retomado é confirmada na formação desse tipo de estrutura em ambientes sintáticos que projetam a ordem V1, especificamente, em ambientes de paralelismo sentencial e/ou em ambientes que apresentam efeitos de restrição de movimento, conferidos nas ocorrências em (15) e em (16). Estes mesmos motivos justificam a variação de uso de sujeito e/ou sintagmas preposicionais em posição pré-verbal. Atentando para o fato de que o português clássico licencia estruturas de Topicalização em posição interna e/ou externa à estrutura

prosódica da oração, a variação fica por conta da propriedade dessa gramática de licenciar estruturas de tópico e/ou estruturas de adjunção dentro e/ou fora do sintagma intoacional da frase. Nesta perspectiva, a disposição do clítico em ênclise não só é fator que assegura a ordem subjacente V1 dessas construções, mas também é fator que define a categoria de elemento gerado na base do sintagma em posição pré-verbal.

2. Proposta de análise

Nas argumentações que venho sustentando neste trabalho, tomo o uso do clítico em próclise como elemento referencial da posição interna de tópico ocupada pelo sintagma deslocado por movimento longo; sendo este o fator que me leva a propor que, nas ocorrências em (5), o sujeito da oração subordinada se desloca por movimento para a posição de tópico interna à oração matriz; nas ocorrências em (14), por outro lado, o sujeito da oração subordinada é deslocado por movimento para a posição de tópico externa à oração matriz. Dentro da hipótese que levanto, o deslocamento do sujeito em ambiente com efeitos de restrição da minimalidade relativizada, proposta por Rizzi (1990), é justificado em decorrência da natureza V2 da gramática em uso nos séculos 16-17, que promove a atribuição do Caso nominativo por meio da relação de regência. A atribuição do Caso nominativo por meio da relação de regência é assumida por Roberts (1993, p. 81) no licenciamento das construções com inversão do sujeito do francês antigo. Refletindo, portanto, propriedades que se assemelham a propriedades assinaladas em gramáticas de natureza V2, como o francês antigo, descrito por Adams (1987) e Roberts (1993), e o português antigo, descrito por Ribeiro (1995), essas construções de tópico do português clássico se caracterizam pela subida do verbo via INFL para Comp. Assim posicionado, o verbo rege a posição de sujeito no Spec de IP. Por conseguinte, o sujeito, nessas construções do português clássico, é extraído de uma posição propriamente regida, a posição de Spec de IP, de oração raiz e/ou oração subordinada. A extração do sujeito de oração subordinada se conforma com a propriedade do português clássico de apresentar efeitos-V2 também em ambientes encaixados; efeitos que se refletem na realização pós-verbal do sujeito nessas sentenças.

- (18) a) e que *esta mesma fortuna* padecera a *capitânia e almiranta* ao entrar da Baía. (CTB_V_002_1608-1697)
b) D'aquí se segue, que *tanta conta* ha-de pedir *Deus* ao rico da sua riqueza, como ao pobre da sua pobreza; (CTB_V_002_1608-1697)

Esta mesma proposta de análise pode justificar o deslocamento do sujeito nas sentenças raízes de ordem V3, representadas nos exemplos em (10). Nessas orações raízes de ordem V3, o verbo, posicionado em Comp, rege a posição do sujeito no Spec de IP. O sujeito, extraído de uma posição propriamente regida, se desloca para a posição de tópico externa à estrutura prosódica da frase. O objeto, por sua vez, se desloca do VP para a posição de tópico interna à oração, satisfazendo, assim, o requerimento de efeitos-V2. A restrição da frequência de uso de estruturas de tópico de ordem V3 com o objeto precedendo o sujeito pode ser explicada pela natureza de tópico em contraste do sintagma a ocupar a posição de tópico externa à estrutura prosódica da oração. Sintagmas topicalizados sem a função de tópico em contraste são realizados dentro do sintagma intocional da frase, projetando a ordem canônica V2. Por outro lado, o sintagma com a função de tópico em contraste pode preencher a posição externa de tópico com o seu deslocamento do VP e/ou pode ser gerado diretamente nessa posição, em configuração de adjunção. A categoria de elemento gerado na base e/ou gerado por movimento do sintagma pré-verbal é definida pelos ambientes sintáticos em que eles são formados.

REFERÊNCIAS

- ADAMS, M.. **Old French, null subjects, and verb second phenomenon**. Tese de Doutorado, University of California, Los Angeles, 1978.
- GALVES, A. & GALVES, C.. “A case study of prosody driven language change: from Classical to Modern European Portuguese. In: **Padrões Rítmicos, Fixação de Parâmetros e Mudança Linguística – Fase I**. UNICAMP, Campinas, 1995.
- GALVES, C. & PAIXÃO DE SOUSA, M. C.. “Clitic placement and the position of subject in the history of European Portuguese”. Ms. In: **Padrões Rítmicos, Fixação de Parâmetros e Mudança Linguística – Fase II**. UNICAMP, Campinas, 2005.
- GALVES, C.. “Clitic-placement in the history of Portuguese and the syntax-phonology interface”. In: **Padrões Rítmicos, Fixação de Parâmetros e Mudança Linguística - Fase II**. UNICAMP, Campinas, 2004.
- GALVES, C.; BRITTO H. & PAIXÃO DE SOUSA, M. C.. “The change in clitic placement from Classical to Modern European Portuguese: results from the Tycho Brahe Corpus”. In: **Journal of Portuguese Linguistic Theory**, Vol. 4, n. 1, 2005, pp. 39-67.
- PAIXÃO DE SOUSA, M. C.. **Língua Barroca: sintaxe e história do português nos anos 1600**. Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas, 2004.

RIBEIRO, I. M. O.. A sintaxe da ordem no português arcaico: o efeito V2. Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas, 1995.

RIZZI, L.. **Relativized Minimality**. The MIT Press, Cambridge, Massachusetts, London, England, 1990.

ROBERTS, I.. **Verbs and diachronic syntax: a comparative history of English and French**. Kluwer Academic Press, Dordrecht/Boston/London, 1993.